

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 1 • N.º 2 • OUTUBRO 92

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*

J. Ma. Ga. GOMEZ-HERAS - *La Naturaleza Reanimada - Del Desencantamiento del Mundo en la Racionalidad tecnológica al Reencantamiento de la Vida en la Utopia ecológica*

AMÂNDIO A. COXITO - *Ainda o Problema da Filosofia Portuguesa - Recordando Joaquim de Carvalho, no Centenário do seu Nascimento*

FRANCISCO V. JORDÃO - *Joaquim de Carvalho e Espinosa - O Acordo de Intenções no Campo político-religioso*

JOAQUIM NEVES VICENTE - *Subsídios para uma Didáctica Comunicacional no Ensino-Aprendizagem da Filosofia*

MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO - *Noção, Medição e Possibilidade do Vácuo segundo Henrique de Gand*

DILTHEY, W.: *Teoria das Concepções do Mundo*, Trad., Lisboa: ed.70, 1991, 162 pp.

Publicados nos princípios deste século, acabam de ser editados entre nós, numa tradução de A. Morão, os dois textos que constituem a *Teoria das Concepções do Mundo* de W. Dilthey. Trata-se de dois ensaios da última fase do autor, que claramente revelam qual a sua grande preocupação: compreender o mundo da cultura como expressão significativa da vida histórica e concreta dos homens.

Que para além do mundo fáctico, neutro ou puramente natural, sabiamente explorado pela ciência e técnica modernas, existe um mundo vivido originário, o mundo sofrido e significado, cuja textura simbólica ou intersubjectiva escapa a toda a lógica subsuntiva da objectividade e universalidade — eis o contexto mais geral que nos permite entender a pertinência das reflexões desenvolvidas nestes dois ensaios. W. Dilthey, o teórico das ciências do espírito, eminente representante das filosofias da vida, na sua reacção contra o naturalismo abstracto da Modernidade científica, procura mostrar-nos ao longo de toda a sua vida como a imagética que sustenta a ciência e cultura humanas faz parte da própria ordem da vida vivida pelos homens dando precisamente origem a múltiplas visões ou concepções do mundo. O mundo originário da vida é um mundo já sempre mediado pela ordem do sinal e da significação e, no entanto, sempre ainda por significar. Por isso, a grande tarefa de uma filosofia da vida é compreender as diferentes concepções do mundo que entretecem a nossa história, procurando simultaneamente estabelecer os fundamentos de uma nova gnosiologia, capaz de resolver o importante problema suscitado pela historicidade fundamental de todas as nossas imagens do mundo.

O antagonismo entre perspectiva histórica e pretensão de validade universal de qualquer concepção de mundo constitui, pois, o eixo central em volta do qual se desenrolam as meditações feitas por Dilthey nesta pequena obra. É que são várias e muito diferentes as visões do mundo que caracterizam a nossa história. O mundo da cultura não é um conjunto de formas estáticas ou ideias a priori. E, apesar de permanecer a reivindicação de universalidade de todas as visões humanas do mundo, todas elas acabam por se dissolver tragicamente no processo da história. A vida ultrapassa as suas próprias significações, apesar de nada ser sem elas. É um jogo inacabado de força e significação. Por isso, só a autoreflexão histórica pode resgatar os ideais humanos e suas múltiplas imagens do abismo do tempo e da inexorável marcha da evolução. Mas para que tal aconteça, é necessário descobrir, na "variegada multiplicidade dos sistemas, estruturas, conexões e articulações" (20). Por outras palavras: um mesmo pressuposto deve ser encontrado por detrás de toda a luta entre as diversas mundivências. É, de facto, de ordem preconceptual a solução para a variedade das perspectivas que entretecem a história. Não exprimem elas apenas a dimensão semântica ou visível daquele enigmático poder que distingue o homem ou vida vivida do objecto puramente inerte?

A capacidade evolutiva do homem, essa dimensão prospectiva que o caracteriza enquanto projecto, antecipação ou ser inacabado, tal é o núcleo da imagem, ou o miolo do tempo, motivo pelo qual é introduzida no mundo a perspectiva, a expectativa, a significação ou imagem.

É, pois, a vida na sua inesgotável capacidade de simbolização ou referência (transcendência) a raiz última de toda a visão de mundo. Por isso, muitas são as possibilidades de o conceber. Por toda a parte, Religião, Filosofia e Poesia reflectem nomeadamente sobre o enigma da vida procurando torná-lo compreensível, na base de modelos, que transformam o que é confuso e absurdo numa conexão necessária de problemas e soluções (118). Da reflexão sobre a vida nasce a experiência da vida, afirma

o autor revelando-nos, deste modo, a dimensão eminentemente histórica e mediata de toda a experiência humana.

A ordem das significações, integra a própria ordem da vida, é mesmo a sua real condição — tal é a descoberta fundamental de Dilthey que o obriga a elaborar uma teoria das concepções ou linguagens do mundo, que procure respeitar a sua inevitável historicidade.

Luísa Portocarrero F. Silva

SIMON, Josef: *Filosofia da Linguagem*. Trad. de A. Morão. Lisboa, Ed. 70, 1990, 244 pp.

Publicada em 1981, a obra *Filosofia da Linguagem* de J. Simon surge finalmente entre nós, numa tradução de Artur Morão.

Neste texto interessante o autor analisa a inegável importância da linguagem no pensamento contemporâneo, em ordem a poder situar a tarefa concreta de uma filosofia da linguagem.

Se, de facto, a linguagem ocupou, desde cedo, a cena filosófica - como o atestam o diálogo *Crátilo* de Platão e a importante determinação aristotélica da linguagem como logos semântico, dotado de um triplice carácter, pragmático (ou retórico), poético e apofântico - nem sempre os filósofos deram muita atenção aos problemas implicados na mediação linguística do seu pensamento, considerando-a, em regra, como puro acidente ou roupagem exterior. É, no entanto, já desde a crise nominalista dos universais e sua crítica ao conceito realista de linguagem que se prepara, no contexto da tradição filosófica ocidental, todo um movimento de ordem marcadamente epistemológica, cujo resultado foi a conversão linguística do filosofar iniciada por W. von Humboldt nos finais do séc. XIX.

Com efeito, ao pôr em causa a pretensão directa de todos os nossos enunciados predicativos, o movimento nominalista abre caminho a uma forte tendência para a desvalorização da linguagem natural, que acaba por ter como contrapartida necessária a posição transcendental do sujeito moderno. O divórcio entre pensamento puro e linguagem natural consuma-se de um modo tal com a viragem transcendental da filosofia moderna que a questão da verdade - a questão filosófica por excelência - passa então a exigir uma fundamentação extralinguística dos nossos enunciados. Só a referência dos conceitos universais à experiência (elevada a verdadeira instância de fundamentação) (34) permite agora decidir da verdade ou não verdade dos nossos juízos. Mas a própria noção de experiência - o novo modelo de referência - é, como nos alerta já Kant, uma noção complexa, pois sem os conceitos que a ordenam (51) toda a observação humana é puramente caótica. O pensamento humano, os seus conceitos não têm um significado em si geral, nem tão pouco derivam simplesmente da experiência. São por referência à experiência, que ordenam e que, por sua vez, nada é sem eles. Tal foi o ensinamento fundamental da filosofia transcendental de Kant. Mas, Kant, diz-nos a este propósito J. Simon (45), parte ainda de um entendimento arquetípico, cujo pensar é plenamente adequado, isto é, pressupõe a identidade do sujeito na sua referência às formas com que pensa, ideia que mais tarde será radicalmente contestada. Na verdade, o advento, no séc. XIX, da problemática das ciências humanas e toda a questão da sua radical linguisticidade e historicidade, vai fazer-nos tomar consciência de que o pensamento humano tem uma consistência linguística finita; de que nada existe onde falta a palavra